

SELMO OLIVEIRA

FILOSOFIA DOS SINAIS

Sob a Ótica do Cordeiro

Uma leitura filosófica dos dois primeiros sinais de João que revela como o respeito à Palavra transforma a escassez em abundância e aponta para o verdadeiro alimento: o próprio Cristo.

FILOSOFIA
DOS SINAIS
Sob a Ótica do Cordeiro

SMO Divulga © 2026 - Selmo Oliveira
Todos os direitos reservados



Uma leitura filosófica e simbólica que convida o leitor a uma travessia: da fome material à fome de sentido, da sede de alegria à sede de comunhão.

SUMÁRIO

Introdução

- O que são os sinais? Por que ler os milagres com os olhos da filosofia?
- Por que apenas dois sinais?
- A abordagem filosófica
- O fio condutor: “Nem só de pão viverá o homem”
- O respeito à Palavra como chave hermenêutica
- A estrutura do livro
- Para quem este livro foi escrito
- Uma palavra sobre o título

Primeira Parte – O Vinho: A Alegria que Não Acaba

1. A Festa que Corria o Risco de Fracassar
Caná, as bodas messiânicas, a intercessão de Maria, a “hora” de Jesus.
2. A Transformação da Água em Vinho
As talhas de pedra, a obediência dos serventes, o melhor vinho reservado para o fim.
3. O Álcool é Necessário? Uma Leitura Filosófica
Alegria verdadeira versus prazeres esgotáveis, o vinho como sinal da comunhão.

Segunda Parte – O Pão: O Alimento que se Multiplica na Partilha

1. A Fome da Multidão e o Pouco que se Tem
O deserto, a Páscoa, o cálculo de Filipe, o menino e os cinco pães, a fome ontológica.
2. A Partilha como Princípio do Reino
Os gestos eucarísticos: assentar, tomar, dar graças, distribuir; a superabundância dos doze cestos.
3. O Respeito à Palavra como Verdadeiro Alimento
A crítica à busca do pão material, o discurso do Pão da Vida, o escândalo da carne e do sangue, a fé como adesão à Palavra.

Terceira Parte – O Vinho e o Pão: A Unidade dos Sinais

1. O Vinho que Não Acaba: A Alegria Restaurada

(Retomada aprofundada de Caná, a mediação, a obediência, o sinal e a alegria que prescinde do álcool.)

2. O Vinho e o Pão: A Unidade dos Sinais

Estrutura comum, tradição bíblica, dimensão eucarística, respeito à Palavra como princípio, superabundância, convite à leitura dos sinais.

Conclusão Geral

Sobre o Autor

INTRODUÇÃO

O QUE SÃO OS SINAIS? POR QUE LER OS MILAGRES COM OS OLHOS DA FILOSOFIA?

Os evangelhos narram muitos prodígios realizados por Jesus. Curas, expulsões de demônios, controle sobre a natureza, ressurreições. Durante séculos, esses relatos foram lidos de diversas maneiras: como provas da divindade de Cristo, como eventos históricos que desafiam as leis da física, ou, em tempos mais recentes, como lendas construídas pela fé primitiva.

O Evangelho de João, no entanto, oferece uma chave própria para compreender esses acontecimentos. Ele os chama de sinais (sêmeia). A palavra não é neutra. Um sinal não é apenas um fato impressionante; ele é um gesto que aponta para algo além de si mesmo. Um sinal não existe para ser contemplado, mas para ser interpretado. Sua função é conduzir aquele que o vê a uma realidade mais profunda.

João seleciona sete sinais ao longo de seu evangelho (embora alguns estudiosos identifiquem mais). Ele não os narra por mero interesse biográfico ou apologético. Cada sinal é cuidadosamente inserido em um contexto teológico e literário, e cada um é seguido de um diálogo ou discurso que explicita seu significado. Para João, o sinal e a palavra que o interpreta são inseparáveis.

Este livro nasce de uma intuição simples: os sinais podem ser lidos não apenas como eventos prodigiosos do passado, mas como parábolas encenadas que revelam verdades permanentes sobre Deus, sobre o ser humano e sobre o mundo. Essa leitura não nega a historicidade dos fatos — algo que a tradição cristã sempre afirmou — mas busca compreendê-los em sua dimensão filosófica e simbólica, aquela que interroga o sentido último da existência.

POR QUE APENAS DOIS SINAIS?

O Evangelho de João oferece sete sinais principais. Este livro, no entanto, concentra-se nos dois primeiros (segundo a ordem joanina): as bodas de Caná (João 2,1-11) e a multiplicação dos pães (João 6,1-15). A escolha não é arbitrária.

Esses dois sinais formam um díptico perfeito. O primeiro ocorre no início do ministério público de Jesus, em uma festa de casamento na Galileia; o segundo, no auge de sua popularidade, próximo à Páscoa, às margens do mar da Galileia. Um transforma água em vinho; outro multiplica pães e peixes. Um responde à falta de alegria; outro responde à fome de uma multidão.

Juntos, eles sintetizam dois elementos fundamentais da vida humana: o pão que sustenta e o vinho que alegra. Juntos, eles apontam para a Eucaristia, onde o pão se torna corpo e o vinho se torna sangue. Juntos, eles revelam a identidade de Jesus como aquele que satisfaz a fome e a sede mais profundas do coração humano.

Além disso, esses dois sinais foram os que motivaram a reflexão inicial deste livro. A partir deles, o autor propôs uma chave hermenêutica — o “respeito à Palavra” como condição para a multiplicação — que merece ser explorada em profundidade.

A ABORDAGEM FILOSÓFICA

O que significa ler os sinais “sob a ótica da filosofia”? Não se trata de reduzir os evangelhos a um sistema filosófico abstrato, nem de substituir a fé pela razão. Trata-se, antes, de reconhecer que os textos bíblicos dialogam com questões que a filosofia sempre enfrentou: a natureza do desejo humano, a busca pela felicidade, a experiência da escassez, a relação entre o material e o espiritual, o papel da palavra na constituição da realidade.

A filosofia, em sua origem grega, era um amor à sabedoria que interrogava a totalidade da experiência humana. Quando aplicada aos textos sagrados, ela não os esvazia de seu sentido religioso; ao contrário, aprofunda sua inteligibilidade, mostrando como eles respondem a perguntas que nenhuma época deixou de fazer.

Neste livro, dialogaremos com pensadores como Platão, Agostinho, Paul Ricoeur e outros que, de diferentes modos, refletiram sobre a relação entre o signo e o significado, entre a carência humana e a plenitude que se busca. Mas o diálogo será sempre conduzido a partir do texto bíblico, que permanece como fonte e critério.

O FIO CONDUTOR: “NEM SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM”

No centro da reflexão está uma palavra de Jesus, citada por ele no deserto da tentação: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4,4; cf. Deuteronômio 8,3). Essa frase resume a intuição fundamental deste livro.

O ser humano não é apenas um corpo que precisa de calorias. Ele é também uma consciência que busca sentido, um coração que anseia por comunhão, uma liberdade que se realiza na relação com o outro e com o Absoluto. A fome física é o sinal mais visível de uma indigência ontológica mais radical. O pão material sacia por algumas horas; a Palavra que vem de Deus sacia a fome que atravessa toda a existência.

Nos dois sinais analisados, essa intuição se desdobra. Em Caná, a água das purificações rituais transforma-se em vinho da alegria messiânica — sinal de que a verdadeira alegria não está em substâncias externas, mas na comunhão que a Palavra instaura. Na multiplicação, os cinco pães e dois peixes se tornam abundância para a multidão — sinal de que o pouco oferecido com fé, sob o regime da Palavra, se multiplica.

O RESPEITO À PALAVRA COMO CHAVE HERMENÊUTICA

A tese central que o leitor encontrará ao longo destas páginas é que a multiplicação — tanto do pão quanto do vinho — se dá pelo “respeito à Palavra”. Essa expressão, propositalmente aberta, abrange diversas dimensões:

- Ouvir a Palavra como aquela que vem de Deus e não se reduz à opinião humana.
- Confiar na Palavra mesmo quando ela parece contrariar os cálculos da razão.
- Obedecer à Palavra, ainda que não se compreenda plenamente seu sentido.
- Partilhar a partir da Palavra, colocando o pouco que se tem na dinâmica da graça.

Em Caná, os serventes obedecem à palavra de Jesus e enchem as talhas; o milagre acontece. Na multiplicação, a multidão se assenta por ordem de Jesus, os discípulos distribuem, e o pão se multiplica. Em ambos, a Palavra é performativa: ela realiza o que anuncia quando encontra corações dispostos a acolhê-la.

Essa tese não pretende esgotar o mistério dos sinais, mas oferece uma chave de leitura que integra a dimensão material (o milagre físico) com a dimensão espiritual (o significado revelado). O respeito à Palavra é, em última análise, o reconhecimento de que Jesus é o Logos encarnado — a própria Palavra que, no princípio, estava com Deus e era Deus, e pela qual todas as coisas foram feitas (João 1,1-3).

A ESTRUTURA DO LIVRO

O livro está dividido em três partes, correspondentes aos dois sinais e à sua unidade.

A Primeira Parte dedica-se às bodas de Caná. Três capítulos exploram o contexto da festa, a transformação da água em vinho, e a questão filosófica sobre a alegria e o álcool. O objetivo é mostrar que o primeiro sinal inaugura o ministério de Jesus como a chegada da alegria messiânica que não se esgota.

A Segunda Parte concentra-se na multiplicação dos pães. Três capítulos analisam a fome da multidão, o gesto da partilha, e a passagem do pão material ao pão espiritual no discurso do Pão da Vida. Aqui se desenvolve a tese do respeito à Palavra como condição para que o pouco se torne abundância.

A Terceira Parte une os dois sinais. Um capítulo retoma Caná à luz do que foi descoberto na multiplicação; o capítulo final percorre as linhas de conexão entre os dois sinais, destacando sua unidade eucarística e sua contribuição para uma filosofia do desejo humano.

PARA QUEM ESTE LIVRO FOI ESCRITO

Este livro destina-se a leitores que desejam ir além de uma leitura meramente devocional ou puramente histórica dos evangelhos. Ele se dirige tanto a cristãos que buscam compreender mais profundamente sua fé quanto a pessoas de outras tradições ou mesmo sem filiação religiosa que se interessam pela filosofia da religião e pela interpretação simbólica dos textos sagrados.

O tom é acessível, mas não superficial. O rigor exegético e filosófico não é sacrificado em nome da popularização, mas também não se esconde em jargões acadêmicos. O objetivo é que cada leitor, ao final da leitura, não apenas compreenda melhor os dois sinais joaninos, mas também seja provocado a perguntar: Onde, em minha própria vida, experimento a fome e a sede que só a Palavra pode saciar? Onde o pouco que tenho, oferecido com confiança, pode se tornar abundância para outros?

UMA PALAVRA SOBRE O TÍTULO

O título Filosofia dos Sinais sob a Ótica do Cordeiro pretende unir dois movimentos. “Filosofia dos Sinais” indica a abordagem: uma reflexão racional sobre os gestos que, no Evangelho de João, revelam algo além de si mesmos. “Sob a Ótica do Cordeiro” remete à identidade de Jesus no quarto evangelho — o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1,29). É a partir dessa identidade, e em diálogo com ela, que os sinais são interpretados. O Cordeiro é aquele que se oferece em sacrifício, mas também aquele que se dá como pão e vinho, como alimento e alegria.

PRIMEIRA PARTE

O Vinho - A Alegria que
Não Acaba

A FESTA QUE CORRRIA O RISCO DE FRACASSAR

O primeiro sinal registrado por João acontece não no deserto, mas numa festa. Não diante de uma multidão faminta, mas no âmbito restrito de um casamento. O cenário é Caná da Galileia, uma pequena aldeia. Ali se realiza o que João chamará de princípio dos sinais (João 2,11) — o ato inaugural que manifesta a glória de Jesus e faz com que os discípulos creiam nele.

As bodas são um símbolo denso na tradição bíblica. O casamento evoca a aliança entre Deus e Israel, celebrada nos profetas como um matrimônio. Alegria, abundância, festa — tudo isso pertence ao vocabulário da salvação. Por isso, o fato de o sinal acontecer em bodas não é um detalhe acidental. João está dizendo, desde o início, que o ministério de Jesus é o tempo das núpcias messiânicas.

A narrativa é concisa: “Houve um casamento em Caná da Galileia, e estava ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado com os seus discípulos” (João 2,1-2). Tudo transcorria como em qualquer festa judaica da época, que durava dias e era marcada pela hospitalidade generosa. Mas um incidente ameaça a alegria: “Tendo faltado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm mais vinho’” (João 2,3).

Faltar vinho em uma festa de casamento era mais que um problema logístico; era uma falha grave de hospitalidade, uma humilhação para os anfitriões. O vinho era o símbolo da alegria compartilhada, da bênção divina sobre a nova família. Acabar o vinho significava que a alegria se esgotara antes do tempo, que a festa estava condenada a terminar em constrangimento.

Maria percebe a situação. Ela não pede explicitamente um milagre; apenas constata o fato: “Eles não têm mais vinho”. É uma confiança silenciosa naquele que ela sabe ser mais do que um convidado comum. Sua intercessão é discreta, mas eficaz.

A resposta de Jesus, à primeira vista, parece distante: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” (João 2,4). O tratamento “mulher” não é desrespeitoso em aramaico, mas soa incomum para uma mãe. Jesus está colocando a relação em outro nível: sua “hora” ainda não chegou — a hora da manifestação plena, que em João sempre aponta para a paixão e a glorificação. No entanto, mesmo dizendo que sua hora não veio, ele atende.

Maria, com uma confiança inabalável, diz aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser” (João 2,5). É a última palavra dela nos evangelhos, e é uma palavra de obediência total à Palavra do Filho.

A TRANSFORMAÇÃO DA ÁGUA EM VINHO

Estavam ali “seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada uma duas ou três metretas” (João 2,6). Cada metreta equivalia a cerca de quarenta litros. O total era enorme — algo entre quatrocentos e setecentos litros. As talhas eram destinadas à água usada nos rituais de purificação: lavar as mãos antes das refeições, purificar utensílios, cumprir as prescrições legais.

Jesus ordena: “Enchei as talhas de água”. Os serventes enchem até a borda. Então ele diz: “Tirai agora e levai ao mestre-sala” (João 2,7-8). Eles obedecem. O mestre-sala prova a água transformada em vinho, sem saber de onde veio — só os serventes sabiam. Surpreso, chama o noivo e diz: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, o inferior; tu, porém, guardaste o vinho bom até agora” (João 2,10).

A água das purificações — símbolo de uma religião centrada no ritual, na separação, no esforço humano por se tornar puro — transforma-se em vinho da nova aliança. A alegria que parecia esgotar-se é substituída por uma alegria superior, reservada para o fim. O melhor vem por último.

A superabundância é um traço teológico essencial: centenas de litros de vinho para uma festa que já estava terminando. Deus não dá apenas o suficiente; ele dá com largueza, porque sua generosidade é imensurável. O sinal de Caná antecipa a lógica do Reino: o dom transborda, o melhor é guardado para o fim.

O ÁLCOOL É NECESSÁRIO? UMA LEITURA FILOSÓFICA

A leitura filosófica que propomos encontra aqui seu terreno mais fértil. O vinho, na festa, é o catalisador da alegria. Sem ele, a festa perde o sentido. Mas o milagre de Jesus não é apenas fornecer mais bebida; é transformar a realidade. A água, que servia para a purificação ritual, torna-se o sinal da alegria plena.

Isso significa que a alegria verdadeira não está na substância (o álcool), mas naquilo que a substância representa: a comunhão, a bênção, a presença de Deus. Em Caná, Jesus ensina que a alegria humana, por mais legítima que seja, sempre corre o risco de faltar. A festa pode acabar, o entusiasmo pode se esgotar, os recursos podem se esgotar. Mas quando a presença de Cristo está no centro, a alegria não se esgota porque não depende de recursos finitos.

Filosoficamente, podemos dizer que o ser humano busca alegria em objetos externos — em prazeres, em conquistas, em substâncias que alteram a percepção. Mas esses objetos são, por definição, esgotáveis. A alegria que eles proporcionam é temporária e, muitas vezes, deixa um rastro de vazio. O sinal de Caná aponta para uma alegria que não se extingue porque sua fonte não é o que se consome, mas aquele que é a própria plenitude.

A referência à “hora” de Jesus percorre todo o Evangelho de João. A hora é a paixão, a morte e a ressurreição — o momento em que Jesus será glorificado. Em Caná, Jesus diz que sua hora ainda não chegou. No entanto, ele realiza o sinal. Há uma antecipação: a glória que será plenamente manifestada na cruz já se deixa ver em sinal, de modo velado, no início do ministério. O vinho de Caná aponta, assim, para o vinho da Eucaristia e para o sangue derramado na cruz. A alegria da festa antecipa a alegria da salvação que brotará do sacrifício.

SEGUNDA PARTE

O Pão – O Alimento que
se Multiplica na
Partilha

A FOME DA MULTIDÃO E O POUCO QUE SE TEM

O cenário é desértico, mas não desertado. Uma multidão imensa acompanha Jesus, atraída pelos sinais que realizava junto aos enfermos (João 6,2). O evangelista não nos diz quantos são, apenas que eram muitos — tantos que, mais adiante, saberemos que só os homens adultos somavam cerca de cinco mil, sem contar mulheres e crianças. É uma verdadeira assembleia popular, dessas que despertam esperanças messiânicas e também inquietações políticas.

João situa o episódio com um marco temporal preciso: “Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus” (João 6,4). A indicação não é fortuita. A Páscoa rememorava o Êxodo, a saída do Egito, o maná no deserto — a grande narrativa em que Deus alimentou seu povo com pão do céu. O leitor atento percebe que algo antigo está sendo revisitado, mas também superado. O novo Êxodo está prestes a acontecer.

A pergunta que expõe o limite humano

Jesus ergue os olhos, vê aquela multidão faminta e dirige a Filipe uma pergunta que parece simples, mas é um teste: “Onde compraremos pão para que estes comam?” (João 6,5). Filipe, natural de Betsaida, conhecia bem a região e sabia calcular. Sua resposta é a da razão prática: “Duzentos denários de pão não bastariam para que cada um recebesse um pouco” (João 6,7).

O denário era a diária de um trabalhador. Duzentos denários representavam meses de salário. O cálculo de Filipe não estava errado: mesmo com uma quantia enorme, mal daria para um pedaço para cada um. Ele pensa em termos de mercado, de escassez, de orçamento. É a lógica do mundo: o pouco nunca será suficiente para muitos.

Filipe representa uma racionalidade legítima, mas limitada. Ele não mente, não é mesquinho; apenas calcula segundo os critérios humanos. E, segundo esses critérios, a situação é impossível.

O pequeno lance que a razão despreza

É então que André, irmão de Simão Pedro, intervém. Ele encontrou um menino que tinha cinco pães de cevada e dois peixes. A cevada era o pão dos pobres, menos nobre que o trigo. Os peixes, provavelmente pequenos, talvez salgados, serviam como acompanhamento. Era a merenda de uma criança, algo irrisório diante de milhares de pessoas.

André, mesmo trazendo o recurso, acrescenta uma dúvida que espelha o senso comum: “Mas o que é isto para tantos?” (João 6,9). A pergunta é honesta. Ele vê o pouco, reconhece o muito e estabelece o abismo entre um e outro.

Filosoficamente, esse momento é uma encruzilhada. De um lado, a realidade objetiva da escassez; de outro, a possibilidade — ainda não compreendida — de que a lógica do Reino não se rege pela matemática da falta, mas pela gratuidade da presença.

O menino não é nomeado. Em João, ele não é protagonista; é apenas quem tinha os pães e os peixes. Mas sua função simbólica é enorme: ele representa aquele que, mesmo possuindo quase nada, não reteve o pouco para si. Ofereceu. E foi essa oferta, por mais modesta que parecesse, que se tornou o canal para o sinal.

A fome que vai além do estômago

A multidão estava ali, segundo João, porque “via os sinais que ele realizava nos enfermos” (João 6,2). Havia um interesse legítimo, mas ainda parcial. Muitos buscavam a cura do corpo, o espetáculo do extraordinário. Jesus, porém, sabia que por trás da fome física havia uma fome mais radical: a fome de sentido, de libertação, de comunhão.

A tradição bíblica já havia estabelecido essa dupla dimensão. No deserto, Deus deu o maná, mas Moisés advertiu: “Nem só de pão viverá o homem, mas de tudo o que sai da boca do Senhor” (Deuteronômio 8,3). O pão era real, mas também era pedagogia: ensinava o povo a depender da Palavra.

Jesus, ao multiplicar os pães, não ignora a fome material. Pelo contrário, ele a acolhe com seriedade. Mas ele a acolhe como sinal: o corpo saciado aponta para uma fome mais profunda que ele mesmo veio saciar. Mais adiante, no mesmo capítulo 6 de João, ele explicará: “Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede” (João 6,35).

A geografia do deserto e o tempo da Páscoa

O deserto é, na Bíblia, o lugar da prova e da revelação. Ali Israel aprendeu que não vive apenas de pão; ali também aprendeu que Deus é capaz de prover no meio da esterilidade. Ao situar o milagre perto da Páscoa, João está dizendo: a grande libertação que Israel celebrava a cada ano agora se realiza de forma definitiva. O novo Moisés está presente, e o novo maná é ele mesmo.

Mas a multidão ainda não entendeu. Por isso, ao final do sinal, tentará fazê-lo rei pela força (João 6,15). Querem um líder que resolva o problema da fome de forma permanente, segundo a lógica do poder e da provisão material contínua. Jesus, porém, se retira. Ele não veio para ser o padeiro-mor de uma nação, mas para revelar que o verdadeiro alimento é a comunhão com o Pai.

O “pouco” como lugar teológico

Há uma teologia do pouco que percorre toda a Escritura. O punhado de farinha da viúva de Sarepta (1Reis 17), o óleo da viúva que Eliseu multiplicou (2Reis 4), os cinco pães e dois peixes — todos obedecem à mesma lógica: Deus não parte do muito, mas do pouco oferecido com confiança.

Do ponto de vista filosófico, essa insistência no “pouco” revela algo estrutural. A lógica da suficiência humana — aquela que Filipe expressa ao calcular os duzentos denários — parte do pressuposto de que a solução deve vir de dentro do sistema (comprar, produzir, acumular). A lógica da graça, ao contrário, opera a partir de um ponto de aparente insignificância que, quando entregue, se torna o lugar da manifestação.

O menino não é questionado sobre sua capacidade de dar. Ele simplesmente entrega. Nesse gesto, ele se torna um ícone do discípulo: aquele que, mesmo tendo quase nada, não considera o pouco como insuficiente para ser oferecido. E o pouco, nas mãos de Jesus, deixa de ser apenas uma quantidade para se tornar um evento de comunhão.

A fome como condição humana

O livro do Eclesiastes já havia percebido que o olho humano não se satisfaz com o que vê, nem o ouvido com o que ouve (Eclesiastes 1,8). Há uma insaciabilidade que habita o coração humano — uma fome que nenhuma abundância material consegue silenciar definitivamente. Os cinco mil saciados naquele dia voltariam a ter fome poucas horas depois. Jesus sabia disso. Por isso, ao longo do capítulo 6 de João, ele insistirá que o pão que ele dá é a sua carne para a vida do mundo — um alimento que sacia de modo permanente, porque incorpora quem o recebe na própria vida de Deus.

Filosoficamente, poderíamos dizer que o ser humano é um ser de carência. Ele precisa do outro para sobreviver, precisa do transcendente para encontrar sentido. A fome física é apenas o sinal mais visível de uma indigência ontológica. Jesus, ao multiplicar os pães, mostra que ele não é indiferente a essa indigência, mas também que sua resposta vai além da reposição calórica. Ele aponta para a única coisa que pode saciar a fome mais profunda: ele mesmo, a Palavra que se fez carne.

A PARTILHA COMO PRINCÍPIO DO REINO

A cena agora se concentra em Jesus. A multidão está ali, faminta e expectante. Os discípulos já expuseram o problema — o lugar é deserto, o recurso é irrisório, a hora é avançada. Humanamente, a situação não tem saída. Mas Jesus não se perturba. Ele age com a serenidade de quem sabe que o tempo do Pai é soberano e que o pouco oferecido com fé nunca é desprezado.

João narra com simplicidade, mas cada verbo é carregado de sentido:

“Então Jesus disse: ‘Fazei que as pessoas se assentem.’ Havia muita relva naquele lugar. Assentaram-se, pois, os homens em número de cerca de cinco mil. Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados; e também dos peixes, quanto queriam” (João 6,10-11).

Quatro movimentos se destacam: assentar, tomar, dar graças, distribuir. São gestos que remetem a uma liturgia. Não há pressa, não há pânico. Há a solenidade de quem está instituindo algo novo.

Assentar: a ordem que cria comunidade

O primeiro ato de Jesus é ordenar que todos se assentem. Nos sinóticos, o verbo é ainda mais vívido: “Fazei que se reclinem” — como quem se prepara para um banquete. A relva verde (João menciona que havia muita relva naquele lugar) evoca o Salmo 23: “Em pastos verdejantes me faz repousar”. A multidão dispersa, anônima, transforma-se em comunidade reunida. A escassez de recursos não gera caos, mas ordem. A ordem não é opressiva; é o espaço para que a partilha aconteça.

Filosoficamente, esse gesto revela algo essencial: a abundância não surge do acúmulo, mas da disposição. Antes de multiplicar os pães, Jesus organiza o espaço. Ele cria um ambiente onde o que será dado possa ser recebido em comunhão. A comunidade não é um agregado de indivíduos famintos; ela é uma mesa posta, ainda que sobre a relva.

Tomar, dar graças, partir, dar: a gramática eucarística

Os verbos seguintes são os mesmos que ressoarão na última ceia: Jesus tomou os pães, deu graças (eucharistēsas), distribuiu. Nos sinóticos, acrescenta-se partiu. Essa sequência não é meramente funcional; é um rito. João, que não narra a instituição da Eucaristia na última ceia (substituindo-a pelo lava-pés), insere aqui, na multiplicação, os gestos que depois os cristãos reconheceriam como a gramática do partir o pão.

- Tomar: Jesus não ignora o que lhe é oferecido. Ele acolhe o pouco como presente do Pai.
- Dar graças: a ação de graças (eucharistia) transforma o pão comum em algo mais. Não é uma bênção mágica, mas um reconhecimento de que tudo vem de Deus e a ele retorna.
- Partir: o gesto da partilha que quebra o pão — e que, ao quebrá-lo, o multiplica. Filosoficamente, o partir é o símbolo do amor que não se preserva para si, mas se entrega.
- Dar: a distribuição acontece através dos discípulos. Eles se tornam mediadores da abundância. A multidão não se serve sozinha; há uma ordem que respeita o protagonismo dos que foram chamados.

A lógica da partilha versus a lógica da escassez

O milagre, sob o ângulo filosófico, não é uma suspensão arbitrária das leis naturais, mas a manifestação de um princípio superior: quando o pouco é oferecido e partilhado sob a ação de Deus, ele se torna suficiente e mais que suficiente.

A lógica da escassez, representada por Filipe, é a da competência: “Não temos dinheiro suficiente, não temos pão suficiente, a logística é inviável”. Essa lógica não é falsa, mas é incompleta. Ela opera dentro do horizonte do cálculo humano, onde os recursos são finitos e a demanda é sempre maior.

A lógica da partilha, inaugurada por Jesus, parte de outra premissa: a abundância não está na quantidade armazenada, mas na gratuidade da circulação. Quando o pouco é colocado em movimento, quando é oferecido e repartido, algo irrompe que o cálculo não pode prever.

Isso não significa que a multiplicação seja uma mera metáfora para a solidariedade. João insiste na realidade física: “todos comeram e se saciaram”. O sinal é material porque o ser humano é corpo, e a fome real não pode ser respondida apenas com ideias. Mas o sinal é também sinal — aponta para uma ordem mais profunda: a da comunhão que vence a escassez.

A superabundância: doze cestos

Após todos comerem, Jesus ordena: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (João 6,12). Recolheram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada.

O número doze não é acidental. Ele evoca as doze tribos de Israel, a totalidade do povo de Deus. A sobra significa que a abundância não foi apenas suficiente, mas superabundante. No Antigo Testamento, o profeta Eliseu multiplicara vinte pães para cem homens, e ainda sobrara (2Reis 4,42-44). Agora, com Jesus, a escala é muito maior: cinco mil homens (sem contar mulheres e crianças), e doze cestos de sobra.

Filosoficamente, a superabundância é um sinal de que o Reino de Deus não opera na lógica da “justa medida” do mercado, mas na lógica do dom que transborda. O pouco que foi oferecido não apenas sacia, mas gera excedente. E esse excedente não é desperdiçado: “para que nada se perca”. A gratuidade não dispensa a responsabilidade.

A comunidade que se forma em torno do pão

O sinal, até aqui, foi visto pela multidão. Eles comeram e se saciaram. João registra, em seguida, a reação imediata: “Vendo, pois, aqueles homens o sinal que Jesus fizera, diziam: ‘Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo’” (João 6,14). E tentam fazê-lo rei à força.

Há uma ambiguidade nesse entusiasmo. Eles reconhecem o sinal, mas o interpretam segundo suas expectativas políticas e materiais. Querem um rei que lhes garanta pão todos os dias. Jesus, porém, se retira. O sinal foi dado, mas o seu significado mais profundo ainda será revelado no longo discurso que virá.

É nesse ponto que o capítulo 6 de João se divide. Até agora, o pão material; a partir de agora, o pão espiritual. Jesus não rejeita o pão material — ele mesmo o multiplicou — mas recusa que a fé se reduza a isso. Ele conduzirá a multidão a um passo adiante: do pão que perece ao pão que desce do céu e dá vida ao mundo.

O princípio da partilha como chave de leitura

A multiplicação dos pães, lida em sua superfície, parece um milagre de produção. Mas a ênfase joanina nos gestos e na superabundância aponta para outra direção: o centro do sinal não é a multiplicação em si, mas a partilha instituída como princípio de vida.

Jesus não cria pão do nada. Ele parte do que lhe é oferecido — cinco pães e dois peixes, o pouco de um menino. A partir daí, ele realiza um gesto que transforma a lógica da posse na lógica da comunhão. Os discípulos, que antes calculavam a impossibilidade, agora distribuem. A multidão, que antes era uma massa anônima, agora é uma comunidade reunida em torno do pão partilhado.

Filosoficamente, podemos dizer que o milagre revela a estrutura ontológica do Reino: o bem não se divide ao ser partilhado, multiplica-se. Quem retém perde; quem dá, recebe em abundância. Essa é uma lei que atravessa toda a Escritura e se encarna de modo pleno naquele que, sendo o próprio Pão da Vida, se parte e se dá como alimento.

O RESPEITO À PALAVRA COMO VERDADEIRO ALIMENTO

A multidão havia comido e se saciado. O sinal fora tão impressionante que muitos o reconheceram como o profeta esperado, aquele que havia de vir ao mundo. Queriam fazê-lo rei, arrastados pela esperança de um líder que garantisse o pão material de forma permanente. Mas Jesus, percebendo esse entusiasmo desviado, retirou-se sozinho para o monte (João 6,15).

No dia seguinte, a multidão o procura novamente. Encontram-no do outro lado do mar e perguntam, com certa ansiedade: “Rabi, quando chegaste aqui?” (João 6,25). A pergunta é geográfica, mas a resposta de Jesus desloca a questão para um plano muito mais profundo. Ele não responde sobre o lugar, mas sobre o coração: “Em verdade, em verdade vos digo que me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes” (João 6,26).

É o momento decisivo. Jesus separa o efeito imediato do sinal (a satisfação da fome) do seu significado verdadeiro (a revelação de sua identidade). A multidão ainda está presa à comida material; Jesus os convida a buscar a comida que permanece para a vida eterna.

A fome que eles não sabiam que tinham

A multidão havia experimentado a multiplicação como um prodígio extraordinário. Tinham visto um menino oferecer cinco pães e dois peixes, e de repente todos foram saciados, com doze cestos de sobra. Era natural que quisessem mais. Afinal, quem não desejaria um mundo sem fome?

Mas Jesus aponta para uma fome mais radical, que eles ainda não haviam identificado. Ele diz: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará” (João 6,27). A distinção entre o alimento que perece e o que permanece é a chave hermenêutica de todo o capítulo 6 de João. O pão multiplicado era real, mas era perecível. Horas depois, todos teriam fome novamente. O que Jesus oferece é um alimento que sacia de modo definitivo porque toca a raiz da existência.

Filosoficamente, essa distinção ecoa a constatação clássica de que o ser humano não é apenas um corpo que necessita de calorias, mas uma consciência que busca sentido, um coração que anseia por comunhão. A fome física é o análogo mais visível de uma indigência ontológica: precisamos do outro para sobreviver, precisamos do transcendente para encontrar razão de viver.

A multidão, porém, ainda não compreende. Eles perguntam: “Que havemos de fazer para realizar as obras de Deus?” (João 6,28). A pergunta está no plural — “realizar as obras” — como se a salvação dependesse de um acúmulo de méritos. Jesus reduz a resposta a uma só: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou” (João 6,29). A fé não é um esforço humano entre outros; é o abandono àquele que é o dom definitivo.

O sinal do maná e o verdadeiro pão do céu

A multidão, então, pede um sinal. Irônico: eles acabaram de ver um sinal, mas não o reconheceram como tal. Referem-se ao maná no deserto: “Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: ‘Deu-lhes a comer pão do céu’” (João 6,31). Para eles, Moisés era o grande provedor; agora querem que Jesus se iguale a Moisés.

Jesus corrige a interpretação: “Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu” (João 6,32). O maná era um dom, mas não o dom definitivo. Era um sinal que apontava para outro: “Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6,33).

A multidão, ainda presa à materialidade, pede: “Senhor, dá-nos sempre desse pão” (João 6,34). É a mesma expectativa da samaritana junto ao poço: “Dá-me dessa água para que eu não tenha mais sede”. Eles querem um fornecimento contínuo, uma solução mágica para a necessidade física perene. Jesus, porém, não é um distribuidor de pão infinito; ele é o Pão.

Então vem a afirmação central: “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim jamais terá fome; e quem crê em mim jamais terá sede” (João 6,35).

“Eu sou o pão da vida”: a identificação surpreendente

As palavras “Eu sou” ecoam o nome revelado a Moisés na sarça ardente: “Eu Sou Aquele Que Sou”. Jesus não está apenas afirmando que ele dá o pão; ele é o pão. A identidade e o dom coincidem. Receber o pão é recebê-lo.

A multidão, porém, murmura. Conhecem sua origem humana: “Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como, pois, diz agora: ‘Desci do céu’?” (João 6,42). A fé que se baseia apenas no que os olhos veem, no que a genealogia pode provar, tropeça na identidade de Jesus. Ele não pode ser enquadrado nas categorias humanas comuns.

Jesus prossegue, e o discurso se torna cada vez mais denso. Ele afirma que ninguém pode vir a ele se o Pai não o atrair, e que ele ressuscitará os que o Pai lhe dá no último dia. Depois, faz a afirmação mais escandalosa: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (João 6,51).

A partir daí, o conflito se intensifica. Os judeus discutem entre si: “Como pode este dar-nos a sua carne para comer?” (João 6,52). Jesus não recua. Ele radicaliza: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (João 6,53). Muitos discípulos, ouvindo isso, dizem: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6,60). E, a partir daquele momento, muitos o abandonam.

A carne e a Palavra: o escândalo da encarnação

Filosoficamente, o discurso do pão da vida opera uma dupla transcendência. Primeiro, transcende a mera materialidade: o pão não é apenas pão, é a carne de Cristo. Segundo, transcende o espiritualismo vago: a carne é real, o sangue é real, a encarnação não é uma ideia, mas um acontecimento corpóreo.

Os que se escandalizam pensam que Jesus está falando de antropofagia. Mas ele não está propondo um canibalismo, e sim uma comunhão tão íntima que se expressa na linguagem do alimento e da bebida. A fé não é uma adesão intelectual a doutrinas, mas uma incorporação: assim como o pão ingerido se torna parte do corpo, assim também Cristo se torna vida naquele que crê.

No entanto, a chave para entender o escândalo está na relação entre a carne e a Palavra. Jesus, ao ver muitos discípulos se retirando, pergunta aos Doze: “Vós também quereis retirar-vos?” (João 6,67). Pedro responde: “Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (João 6,68). Notemos: Pedro não diz “tens carne”, mas “tens palavras”. As palavras são vida eterna porque aquele que as pronuncia é o Verbo encarnado.

Aí se encontra a síntese que você apontou desde o início. Jesus havia citado Deuteronômio 8,3 no deserto da tentação: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4,4). Agora, ele mesmo é essa Palavra viva. O pão que ele multiplicou era um sinal que apontava para ele, o Pão da Vida. E esse Pão é acessado pela fé — que é, em última análise, o respeito à Palavra.

O respeito à Palavra como chave da multiplicação

Retomemos o fio condutor que você propôs: a multiplicação dos pães se deu, do ponto de vista filosófico, pelo respeito à Palavra. O que isso significa?

Significa que o milagre não aconteceu como uma operação mágica independente da atitude dos envolvidos. Ele aconteceu porque:

- O menino ofereceu o pouco que tinha — gesto de confiança.
- Jesus tomou os pães, deu graças e partiu — gesto de obediência e ação de graças ao Pai.
- Os discípulos distribuíram — gesto de mediação e partilha.
- A multidão se assentou em ordem — gesto de disposição para receber.

Em todos esses momentos, havia uma relação com a Palavra. Jesus agiu conforme a vontade do Pai; os discípulos obedeceram à ordem de Jesus; a multidão, mesmo sem compreender plenamente, acatou a orientação. Onde a Palavra é respeitada — ouvida, confiada, obedecida — o pouco se torna abundante porque entra na dinâmica da graça.

A multidão que depois busca Jesus apenas pelo pão material não respeitou a Palavra como Palavra. Queriam o efeito, não a fonte. Por isso Jesus os repreende: não me procurais porque vistes o sinal, mas porque comestes e vos saciastes. O sinal só é compreendido quando conduz à Palavra.

Da comida perecível à Palavra permanente

O capítulo 6 de João é, portanto, uma longa pedagogia que conduz do pão material ao pão espiritual, sem jamais anular o primeiro, mas revelando seu sentido pleno no segundo. Quem come do pão multiplicado sacia a fome por algumas horas; quem come do Pão da Vida — acreditando naquele que o Pai enviou — sacia a fome mais profunda, aquela que a morte não pode interromper.

Filosoficamente, essa distinção responde à questão fundamental da existência humana: o que realmente nos alimenta? Não apenas o que cai no estômago, mas o que dá sentido à vida, o que nos sustenta diante da perda, do sofrimento, da finitude. Jesus se apresenta como a resposta: ele é a Palavra que faz viver.

A multiplicação dos pães, vista sob essa luz, não foi apenas um evento extraordinário no passado. Ela é um convite permanente a reconhecer que a verdadeira abundância não está no acúmulo de bens, mas na comunhão com a Palavra. Onde essa Palavra é respeitada — onde se escuta, se confia, se partilha — a escassez perde seu poder absoluto. O pouco, quando entregue, multiplica-se.

TERCEIRA PARTE

O Vinho e o Pão - A
Unidade dos Sinais

O VINHO QUE NÃO ACABA: A ALEGRIA RESTAURADA

O primeiro sinal registrado por João acontece não no deserto, mas numa festa. Não diante de uma multidão faminta, mas no âmbito restrito de um casamento. O cenário é Caná da Galileia, uma pequena aldeia. Ali se realiza o que João chamará de princípio dos sinais (João 2,11) — o ato inaugural que manifesta a glória de Jesus e faz com que os discípulos creiam nele.

As bodas são um símbolo denso na tradição bíblica. O casamento evoca a aliança entre Deus e Israel, celebrada nos profetas como um matrimônio. Alegria, abundância, festa — tudo isso pertence ao vocabulário da salvação. Por isso, o fato de o sinal acontecer em bodas não é um detalhe accidental. João está dizendo, desde o início, que o ministério de Jesus é o tempo das núpcias messiânicas.

A festa que corre o risco de acabar em vergonha

A narrativa é concisa: “Houve um casamento em Caná da Galileia, e estava ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado com os seus discípulos” (João 2,1-2). Tudo transcorria como em qualquer festa judaica da época, que durava dias e era marcada pela hospitalidade generosa. Mas um incidente ameaça a alegria: “Tendo faltado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm mais vinho’” (João 2,3).

Faltar vinho em uma festa de casamento era mais que um problema logístico; era uma falha grave de hospitalidade, uma humilhação para os anfitriões. O vinho era o símbolo da alegria compartilhada, da bênção divina sobre a nova família. Acabar o vinho significava que a alegria se esgotara antes do tempo, que a festa estava condenada a terminar em constrangimento.

Maria percebe a situação. Ela não pede explicitamente um milagre; apenas constata o fato: “Eles não têm mais vinho”. É uma confiança silenciosa naquele que ela sabe ser mais do que um convidado comum. Sua intercessão é discreta, mas eficaz.

A resposta de Jesus, à primeira vista, parece distante: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” (João 2,4). O tratamento “mulher” não é desrespeitoso em aramaico, mas soa incomum para uma mãe. Jesus está colocando a relação em outro nível: sua “hora” ainda não chegou — a hora da manifestação plena, que em João sempre aponta para a paixão e a glorificação. No entanto, mesmo dizendo que sua hora não veio, ele atende.

Maria, com uma confiança inabalável, diz aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser” (João 2,5). É a última palavra dela nos evangelhos, e é uma palavra de obediência total à Palavra do Filho.

As talhas de pedra: o peso do antigo

Estavam ali “seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada uma duas ou três metretas” (João 2,6). Cada metreta equivalia a cerca de quarenta litros. O total era enorme — algo entre quatrocentos e setecentos litros. As talhas eram destinadas à água usada nos rituais de purificação: lavar as mãos antes das refeições, purificar utensílios, cumprir as prescrições legais.

Jesus ordena: “Enchei as talhas de água”. Os serventes enchem até a borda. Então ele diz: “Tirai agora e levai ao mestre-sala” (João 2,7-8). Eles obedecem. O mestre-sala prova a água transformada em vinho, sem saber de onde veio — só os serventes sabiam. Surpreso, chama o noivo e diz: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, o inferior; tu, porém, guardaste o vinho bom até agora” (João 2,10).

A água das purificações — símbolo de uma religião centrada no ritual, na separação, no esforço humano por se tornar puro — transforma-se em vinho da nova aliança. A alegria que parecia esgotar-se é substituída por uma alegria superior, reservada para o fim. O melhor vem por último.

A superabundância é um traço teológico essencial: centenas de litros de vinho para uma festa que já estava terminando. Deus não dá apenas o suficiente; ele dá com largueza, porque sua generosidade é imensurável. O sinal de Caná antecipa a lógica do Reino: o dom transborda, o melhor é guardado para o fim.

A “hora” que se antecipa

A referência à “hora” de Jesus percorre todo o Evangelho de João. A hora é a paixão, a morte e a ressurreição — o momento em que Jesus será glorificado. Em Caná, Jesus diz que sua hora ainda não chegou. No entanto, ele realiza o sinal. Há uma antecipação: a glória que será plenamente manifestada na cruz já se deixa ver em sinal, de modo velado, no início do ministério.

O vinho de Caná aponta, assim, para o vinho da Eucaristia e para o sangue derramado na cruz. A alegria da festa antecipa a alegria da salvação que brotará do sacrifício. O melhor vinho guardado para o fim é também um símbolo escatológico: no fim dos tempos, Deus reserva a alegria definitiva, aquela que não se esgota.

A mediação e a obediência

Assim como na multiplicação dos pães, também em Caná há mediadores e há obediência. Maria intercede. Os serventes enchem as talhas e levam ao mestre-sala. Eles não entendem o que está acontecendo, mas obedecem. A obediência à Palavra — ainda que incompreendida — é o canal pelo qual o sinal se realiza.

Isso ecoa o que foi visto na multiplicação: a multidão se assentou, os discípulos distribuíram, Jesus deu graças. Em ambos os casos, o milagre não acontece independentemente da participação humana, mas através dela. A graça não anula a liberdade e a obediência; pressupõe-nas.

O vinho como símbolo da alegria que não depende de álcool

A leitura filosófica que percorremos encontra aqui seu terreno mais fértil. O vinho, na festa, é o catalisador da alegria. Sem ele, a festa perde o sentido. Mas o milagre de Jesus não é apenas fornecer mais bebida; é transformar a realidade. A água, que servia para a purificação ritual, torna-se o sinal da alegria plena.

Isso significa que a alegria verdadeira não está na substância (o álcool), mas naquilo que a substância representa: a comunhão, a bênção, a presença de Deus. Em Caná, Jesus ensina que a alegria humana, por mais legítima que seja, sempre corre o risco de faltar. A festa pode acabar, o entusiasmo pode se esgotar, os recursos podem se esgotar. Mas quando a presença de Cristo está no centro, a alegria não se esgota porque não depende de recursos finitos.

Filosoficamente, podemos dizer que o ser humano busca alegria em objetos externos — em prazeres, em conquistas, em substâncias que alteram a percepção. Mas esses objetos são, por definição, esgotáveis. A alegria que eles proporcionam é temporária e, muitas vezes, deixa um rastro de vazio. O sinal de Caná aponta para uma alegria que não se extingue porque sua fonte não é o que se consome, mas aquele que é a própria plenitude.

O fato de Jesus transformar tanta água — centenas de litros — mostra a superabundância do dom. Não se trata de apenas suprir a falta, mas de dar com largueza. É a mesma lógica da multiplicação dos pães: o pouco que é oferecido (ou, aqui, a água que é obediente) transforma-se em mais do que suficiente, em excedente.

O primeiro sinal e o último

Caná é o primeiro sinal. O último, em João, será a ressurreição de Lázaro (João 11). Entre um e outro, toda a glória de Jesus vai se manifestando. Mas há um arco que conecta o vinho de Caná ao pão da multiplicação e, finalmente, à ceia onde Jesus lava os pés dos discípulos e se entrega como verdadeiro alimento.

O vinho e o pão, juntos, formam a base da Eucaristia. João não narra a instituição desse sacramento na última ceia, mas a inscreve nos sinais: em Caná, o vinho; na multiplicação, o pão. O leitor que percorre o evangelho reconhece que, ao final, na cruz e na ressurreição, o vinho e o pão se tornam corpo e sangue entregues pela vida do mundo.

O álcool não é necessário: uma leitura atual

A interpretação que percorre este livro — de que Jesus teria convencido a todos de que o álcool não é necessário para alegrar a festa, pois a alegria está na comunhão e na celebração — é uma leitura profundamente atual. Não se trata de negar que o vinho material foi produzido. Ele foi, e em abundância. Mas trata-se de compreender que o vinho era um sinal, não um fim.

O que alegra a festa, em última instância, não é a substância alcoólica, mas a comunhão que ela celebra. Quando a comunhão é verdadeira, quando a presença de Cristo é acolhida, a alegria pode prescindir de qualquer elemento externo. Ela brota do encontro, da aliança, do dom.

Para uma sociedade que frequentemente busca na substância a alegria que falta, o sinal de Caná é um convite a perguntar: onde depositamos nossa expectativa de alegria? No que acaba, ou naquele que é a fonte inesgotável?

Conclusão do capítulo

O vinho de Caná, como o pão da multiplicação, é um sinal que não se esgota em sua materialidade. Ele aponta para o próprio Cristo, que é a alegria verdadeira e o esposo da nova aliança. A água das antigas purificações transforma-se no vinho da festa que não termina em vergonha. O melhor é reservado para o fim, e esse “fim” já se faz presente naquele que é o Senhor do tempo e da festa.

Com esse primeiro sinal, os discípulos creram. Não creram porque viram um espetáculo, mas porque, naquele gesto simples — água que se torna vinho — reconheceram a glória do Filho de Deus. É o mesmo convite que nos é dirigido hoje: ver além do sinal, encontrar aquele que transforma a nossa água em vinho, a nossa escassez em abundância, a nossa alegria ameaçada em alegria plena.

O VINHO E O PÃO: A UNIDADE DOS SINAIS

Os dois sinais — as bodas de Caná e a multiplicação dos pães — estão separados no tempo e no espaço. Um ocorre no início do ministério público de Jesus, em uma festa de casamento na Galileia; o outro, no auge de sua popularidade, próximo à Páscoa, às margens do mar da Galileia. Um transforma água em vinho; outro multiplica pães e peixes. Um responde à falta de alegria numa festa; outro responde à fome de uma multidão no deserto.

No entanto, João os inscreve no mesmo horizonte teológico. Ambos são sinais (sêmeia) — gestos que não apenas impressionam, mas revelam. Ambos manifestam a glória de Cristo e conduzem os discípulos à fé. Ambos envolvem mediação, obediência e superabundância. E, sobretudo, ambos apontam para o mesmo centro: a identidade de Jesus como aquele que satisfaz a fome e a sede mais profundas do ser humano.

Neste capítulo final, percorremos as linhas que conectam os dois sinais, desvelando sua unidade profunda. Vemos como o vinho e o pão, juntos, formam o banquete eucarístico que nutre a Igreja e antecipa a festa definitiva do Reino. E retomamos a chave hermenêutica proposta desde o início: a multiplicação — tanto do pão quanto do vinho — acontece pelo respeito à Palavra, que é a verdadeira fonte de toda vida.

Dois sinais, uma mesma estrutura

Se examinarmos os relatos de Caná e da multiplicação, encontramos um padrão comum: contexto de necessidade (falta o vinho, falta o pão); recurso humano modesto (água nas talhas, cinco pães e dois peixes); intermediação (Maria e os serventes, o menino e os discípulos); palavra de Jesus que ordena; ação de graças (explícita na multiplicação, subentendida em Caná); resultado superabundante (centenas de litros de vinho, doze cestos de sobra); e reação que leva à fé ou à incompreensão.

Essa estrutura comum revela um princípio teológico e filosófico: Deus não despreza o pouco que lhe é oferecido, mas o assume como ponto de partida para uma obra que supera toda expectativa. O pouco — a água das purificações, os pães de cevada — não é descartado em nome de um milagre “do nada”. Ele é acolhido, abençoado, e se torna abundância.

O vinho e o pão na tradição bíblica

O Antigo Testamento já havia estabelecido o vinho e o pão como dons fundamentais de Deus para a vida do homem. O salmista canta: “O vinho alegra o coração do homem, e o pão sustenta o seu coração” (Salmo 104,15). Ambos são fruto da terra, mas também símbolos da aliança: Melquisedeque oferece pão e vinho ao abençoar Abraão (Gênesis 14,18); o pão da proposição e as libações de vinho fazem parte do culto no templo.

Nos profetas, o vinho e o pão se tornam imagens do banquete messiânico. Isaías anuncia: “O Senhor dos exércitos dará neste monte um banquete de ricas iguarias, um banquete de vinhos puros” (Isaías 25,6). Amós promete que os montes escorrerão vinho novo (Amós 9,13). A expectativa do Reino é, essencialmente, a expectativa de uma festa onde o pão e o vinho não faltarão e onde a alegria será plena.

Ao realizar os sinais de Caná e da multiplicação, Jesus está, portanto, encenando a chegada do Reino. A festa de casamento em Caná é o lugar onde se manifesta que o esposo messiânico chegou; o deserto onde a multidão é saciada é o lugar onde o novo Êxodo se realiza, com um maná superior ao de Moisés.

A dimensão eucarística

João não narra a instituição da Eucaristia na última ceia, como fazem os sinóticos. Em vez disso, ele coloca a teologia eucarística nos sinais. Em Caná, o vinho abundante aponta para o sangue de Cristo, que será derramado como vinho da nova aliança. Na multiplicação, o pão partilhado e a ação de graças (eucharistêsas) prefiguram o pão que na ceia será dado como corpo de Cristo.

Essa conexão se torna explícita no discurso do pão da vida (João 6,35-58). Ali, Jesus afirma que o pão que ele dará é a sua carne, e que quem comer desse pão viverá eternamente. Os judeus se escandalizam, mas Jesus não recua. A carne e o sangue, que escandalizam, são precisamente o que será oferecido na cruz e na Eucaristia.

O vinho de Caná, por sua vez, antecipa essa doação. Ao transformar a água purificadora em vinho, Jesus mostra que o novo culto não será baseado em purificações rituais, mas na comunhão com ele, oferecido como vinho da alegria messiânica. A água das talhas, que servia para lavar as impurezas, cede lugar ao vinho que embriaga de alegria escatológica.

Assim, os dois sinais se completam: o pão sustenta a vida na caminhada; o vinho celebra a alegria da aliança. Juntos, eles são a refeição eucarística — o alimento que sustenta e a bebida que alegra, ambos convergindo na pessoa de Cristo.

O respeito à Palavra como chave hermenêutica

Retomemos agora a tese central: a multiplicação — tanto do pão quanto do vinho — se deu, do ponto de vista filosófico, pelo respeito à Palavra. Em Caná, o “respeito à Palavra” se manifesta na atitude de Maria e dos serventes. Maria diz: “Fazei tudo o que ele vos disser”. Os serventes enchem as talhas e levam ao mestre-sala, sem questionar, sem exigir explicações. Eles agem com base na palavra de Jesus, ainda que não compreendam o que está acontecendo. A água se transforma em vinho na medida em que eles obedecem.

Na multiplicação, o “respeito à Palavra” se manifesta em vários níveis: o menino oferece o pouco que tem; os discípulos seguem a ordem de Jesus; a multidão se assenta; Jesus toma, dá graças e distribui; os discípulos recolhem os pedaços. Em ambos os casos, o milagre acontece através da obediência à palavra. A palavra de Jesus não é uma informação neutra; ela é performativa: quando pronunciada e obedecida, instaura a realidade que anuncia.

Filosoficamente, isso corresponde a uma visão do Logos como princípio não apenas de inteligibilidade, mas de criação. O Deus que disse “Faça-se a luz” e a luz se fez continua agindo por sua palavra. Em Jesus, o Logos encarnado, a palavra dita com autoridade realiza o que significa. O respeito a essa palavra — ouvir, confiar, obedecer — é o lugar onde o ser humano se abre para a irrupção do novo.

A fome e a sede como metáforas da condição humana

A tradição filosófica, desde Platão, reconhece que o ser humano é um ser de desejo. Desejamos o que nos falta. E o que nos falta, em última instância, é a plenitude, a felicidade, o sentido. Agostinho sintetizou essa intuição na célebre frase: “Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em ti”.

Os dois sinais de João traduzem essa inquietude em imagens concretas: a sede — o vinho que falta na festa; a fome — o pão que falta no deserto. Jesus não despreza a fome e a sede humanas. Ele as acolhe com seriedade, mas as acolhe como sinais que apontam para uma fome e uma sede mais profundas. O verdadeiro vinho é a alegria da comunhão com Deus; o verdadeiro pão é a Palavra que dá vida eterna.

A superabundância como sinal do Reino

Tanto em Caná quanto na multiplicação, a abundância é mais que suficiente. Em Caná, centenas de litros de vinho para uma festa que já estava terminando; na multiplicação, doze cestos de sobra para uma multidão que já havia comido até se saciar.

Essa superabundância é um sinal teológico: o Reino não opera na lógica do mínimo necessário, mas na lógica do dom que transborda. Deus não dá apenas o suficiente; ele dá com largueza, porque sua generosidade é imensurável.

Filosoficamente, essa superabundância questiona a economia da escassez que rege o mundo. Vivemos sob o pressuposto de que os recursos são limitados e que é preciso competir por eles. O sinal dos pães e do vinho sugere que, quando a partilha substitui o acúmulo, e quando a confiança na Palavra substitui o cálculo ansioso, algo da lógica do Reino irrompe no tempo.

Conclusão: O convite à leitura dos sinais

Este livro partiu de uma intuição simples: os milagres narrados nos evangelhos, especialmente os dois primeiros sinais de João, podem ser lidos não apenas como eventos prodigiosos do passado, mas como parábolas encenadas que revelam verdades permanentes sobre Deus, sobre o ser humano e sobre o mundo.

Na multiplicação dos pães, vimos que o pouco oferecido e partilhado, quando sustentado pela Palavra, se torna abundância. Na transformação da água em vinho, vimos que a alegria que parecia esgotar-se pode ser renovada em qualidade superior quando a presença de Cristo está no centro.

Ambos os sinais nos convidam a perguntar:

-
- Onde estamos depositando nossa expectativa de alegria? No que se esgota (o vinho que acaba) ou na comunhão que permanece?
 - Como estamos lidando com a escassez que nos cerca? Calculando apenas com os recursos humanos, ou confiando que o pouco oferecido com fé pode se multiplicar?
 - Estamos buscando os sinais pelo que eles dão ou pelo que eles revelam? Contentamo-nos com a comida que perece ou buscamos aquele que é o próprio Pão da Vida?

O Evangelho de João foi escrito para que os leitores creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome (João 20,31). Os sinais não são fins em si mesmos; são janelas abertas para a identidade de Jesus. Quem vê o vinho e o pão e neles reconhece o Senhor já não vive mais na lógica da escassez e do vazio, mas na lógica da abundância e da alegria que não acaba.

CONCLUSÃO GERAL

Ao longo destas páginas, percorremos dois dos mais belos e profundos sinais do Evangelho de João: as bodas de Caná e a multiplicação dos pães. Não os lemos como meros prodígios do passado, nem como provas de poder para forçar a fé. Procuramos vê-los como sinais – gestos que apontam para algo além de si mesmos, revelando a identidade de Jesus e a natureza do Reino que ele veio instaurar.

No vinho de Caná, descobrimos que a alegria verdadeira não está naquilo que se consome, mas na comunhão que se partilha. A água das antigas purificações transformou-se no vinho da nova aliança, ensinando-nos que o que parecia esgotar-se – a festa, o entusiasmo, os recursos – pode ser renovado em qualidade superior quando a presença de Cristo está no centro. O primeiro sinal nos deixou uma pergunta que atravessa toda a existência: onde depositamos nossa expectativa de alegria?

No pão multiplicado, vimos que o pouco oferecido com confiança, quando sustentado pela Palavra, se torna abundância. O menino que entregou cinco pães e dois peixes, os serventes que encheram as talhas, os discípulos que distribuíram – todos participaram de uma lógica que inverte a economia da escassez: o bem não se divide ao ser partilhado, multiplica-se. A multidão que buscou Jesus apenas pelo pão material não compreendeu o sinal; mas aqueles que, como Pedro, reconheceram nele as “palavras de vida eterna” encontraram o verdadeiro alimento.

A chave hermenêutica que nos acompanhou foi o respeito à Palavra. Não se trata de uma fórmula mágica, mas de uma disposição do coração: ouvir a Palavra como quem reconhece nela a própria voz de Deus; confiar nela mesmo quando contraria os cálculos humanos; obedecer-lhe ainda que não se compreenda plenamente; e, a partir dela, partilhar o pouco que se tem. Em Caná e na multiplicação, foi essa atitude que abriu espaço para o milagre.

A Palavra – o Logos encarnado – mostrou-se performativa: ela realiza o que anuncia quando encontra corações dispostos a acolhê-la.

Os dois sinais, vistos em conjunto, formam um díptico que se completa na Eucaristia. O pão que sustenta a caminhada e o vinho que alegra a festa convergem na mesa onde Cristo se dá como verdadeira comida e verdadeira bebida. João não narrou a instituição desse sacramento, mas o inscreveu nos gestos de Jesus: tomar, dar graças, partir, distribuir. Quem come deste pão e bebe deste vinho participa da vida que não acaba.

Ao encerrar este livro, não pretendemos ter esgotado o mistério dos sinais. Nosso objetivo foi mais modesto e mais ambicioso ao mesmo tempo: oferecer uma leitura que integra a materialidade do milagre com sua profundidade simbólica, e convidar cada leitor a fazer sua própria travessia – da fome física à fome de sentido, da sede de alegria à sede de comunhão.

Que a água da nossa rotina, muitas vezes presa a rituais vazios, possa ser transformada em vinho de alegria compartilhada. Que o pouco que temos – nossas capacidades, nosso tempo, nossos recursos – não seja retido por medo da escassez, mas oferecido com confiança, para que se multiplique na partilha. E que, acima de tudo, reconheçamos nos sinais aquele que é o próprio Sinal de Deus: o Cordeiro que se oferece, o Pão que desce do céu, o Vinho da nova aliança.

Como os discípulos em Caná, possamos ver a sua glória e crer. Como Pedro, possamos declarar: “Tu tens palavras de vida eterna”. Pois estas palavras são o verdadeiro alimento, e quem se alimenta delas já não vive mais na lógica da escassez e do vazio, mas na lógica da abundância e da alegria que não acaba.

SOBRE O AUTOR

SELMO OLIVEIRA

Pensador independente, Selmo Oliveira dedica sua trajetória intelectual à reflexão sobre a consciência, a condição humana e as dimensões éticas e simbólicas da vida contemporânea. Sua abordagem, crítica e não dogmática, busca integrar razão, experiência e responsabilidade, com especial atenção à unidade que atravessa a diversidade das experiências humanas.

Para Selmo, pensar não é um exercício abstrato ou circunscrito ao âmbito acadêmico. Pensar é um ato de responsabilidade — um modo de habitar o mundo com atenção, de reconhecer a trama invisível que conecta os seres e de agir de acordo com essa consciência. Sua obra reflete uma busca pela superação das dicotomias que fragmentam a experiência: sujeito e objeto, humano e natureza, interior e exterior, indivíduo e coletivo.

Filosofia dos Sinais sob a Ótica do Cordeiro, nasceu de uma inquietação que une filosofia e espiritualidade: como ler os sinais do Evangelho de João de modo que eles não se tornem promessas vazias de prosperidade nem meros contos edificantes, mas janelas abertas para a identidade de Jesus e, ao mesmo tempo, espelhos da condição humana. Com esta obra, Selmo convida o leitor a uma travessia — da fome material à fome de sentido, da sede de alegria à sede de comunhão —, acreditando que a verdadeira sabedoria se revela quando a razão e a experiência se encontram na escuta atenta da Palavra.

